

Corpo e alma: alinhavo ou costura na constituição feminina?¹

Rachel Sztajnberg²

Discutindo a frágil posição subjetiva da mulher, destaca-se o papel privilegiado da relação mãe-filha e as vicissitudes de um espelhamento que dificulta para as duas a constituição da inteireza e da diferença de cada uma. Vinhetas clínicas ilustram a diversidade de soluções de compromisso estruturadas. Tenta-se por fim esboçar os efeitos dos avatares contemporâneos sobre essa condição particular da realidade feminina.

Continuo a crer que a aptidão para receber os choques
foi o que fez de mim uma escritora. Virginia Woolf

Não sou eu quem me navega, quem me navega é o
mar...Pois o mar não tem cabelos onde se possa
agarrar. Paulinho da Viola

Desde esse posto, o lugar do analista, e autorizada por essa função que garante o privilégio da escuta de uma intimidade compartilhada, já foram inúmeras as viagens. Um incontável número de Marias acompanhadas em seu percurso, ávidas todas por saber quem são. Nenhuma igual à outra, cada qual traçando, via seu texto em labirinto, um desenho singular, mais ou menos atormentado, mais ou menos lúdico, inconseqüente e frívolo ou militante e denso, mas invariavelmente

¹ Tema 5: As subjetividades contemporâneas. Sub-tema 5.c: As novas formas de sofrimento.

demandante na urgência de um (re)conhecimento que lhe confira alguma existência. Um lugar qualquer que a faça sentir que ela faz diferença e onde deixa uma marca pessoal, única.

Os homens, conquanto desfilem suas dores e horrores no divã, parecem menos duvidosos de sua condição, apostam mais nos seus trunfos para assegurar o seu lugar no mundo. Um traço viril, uma marca de sucesso profissional, o volume notável nos bolsos ou nos fundos das calças, no mais das vezes representam o simulacro de uma potencia que, mesmo assombrada pelo fantasma de seu despojamento, apontam para uma “certa” confiança e sustentam uma possível e honrosa nomeação.

Já as Marias...Para a mulher toda a beleza, o supervalorizado estatuto de objeto de desejo por excelência, a inegável conquista que a revolução feminista lhe conferiu de ascensão econômica, social, profissional nos últimos tempos, o santificado lugar que a maternidade sempre lhe proporcionou, nada parece lhe assegurar que ela não está a um passo de ser ejetada e remetida (de volta?) ao tenebroso e humilhante reduto de Maria Ninguém, de onde proveio, e de onde, advertem-lhe aqui e acolá, nunca deveria ter saído. Mesmo depois da acidentada trajetória para tornar-se Mulher, missão quase impossível, o risco de deslizar para o lugar de origem, aquele onde ela ainda não existia, está sempre a lhe espreitar.

Por que é ainda mais frágil à posição subjetiva da mulher por relação à do homem, para além do que já é próprio da irreduzível vulnerabilidade da condição humana, é uma questão que nunca deixou de interrogar a Psicanálise desde os seus primórdios. E a despeito de tudo que já se especulou nesse território, os achados ainda parecem insuficientes para dar conta dessa enigmática interrogação.

² Psicanalista.

Talvez, quem sabe, porque seja esse mesmo o fundamento e a essência próprios da feminilidade.

Ser filha, por relação à mãe, é um estatuto obviamente distinto na estruturação subjetiva do que ser filho. Uma alteridade mais marcada biológica e anatomicamente desenha uma mínima diferença que garante ao menino uma maior possibilidade (ainda que não necessariamente realizável) de ser reconhecido com alguma autonomia por ele ser mais alguma coisa, um além dela. Mas o que é uma mulher para sua mãe? Que trajetória a genitora já deverá ter percorrido para reconhecer no mesmo um corpo próprio, distinto do seu e não a sua extensão ou seu reflexo?

Se tomamos o modelo da mãe em sua função de espelho a partir da construção teórica de Winnicott,³ em que ela se oferece para refletir o bebê e não a ela, no mínimo tenderemos a pensar que essa função é mais difícil de ser desempenhada em se tratando de uma filha. Como a mãe inevitavelmente se vê ali também, que dificuldades pode encontrar a bebê quando a mãe espelha nesse olhar seu próprio estado d'alma ou a rigidez de suas defesas? Que chances tem a menina de ficar aderida a essa imagem, sem espaço para se inventar e sair da alienação a fim de criar seu próprio sujeito?

Vera, porque pôde ancorar no orgulho do pai um desejo de realização pessoal e profissional, é hoje uma mulher bem sucedida e passa despercebida, a olho nu, a falta de sustentação de sua identidade em função dos “restos” da figura materna frágil e dependente. Vera vive às voltas com a sombra de uma outra mulher com quem rivaliza e a quem se referencia sempre para poder ter uma idéia de si, favorável ou desfavorável. Os atributos que não reconhece em si, estão em uma

outra que elege e invoca incessantemente, como se tivesse que necessariamente passar por ela para existir, busca fora o que falta dentro. A mãe ainda hoje a requisita como um duplo. Ela se sente sendo a razão de ser de sua mãe, o que a remete a uma alternância de raiva e culpa que revela o quanto está enredada nessa trama em que é uma mulher que sustenta a outra. A verdade de uma mulher nunca está inteira nela.

As meninas correm um risco ainda maior de viver-se como a extensão libidinal e narcísica da mãe, e essa vivencia produz efeitos e fantasmas de uma intensidade apavorante. Não só isso. A experiência “devoradora”, além de provocar o horror inconsciente de morte psíquica pela anulação do si mesma, convive também com uma satisfação megalomaniaca. “Sem mim, Mamãe não existe”.

Esse primitivo amor oral pré-genital compartilhado com a mãe é gerador do fantasma de que, ao devorá-la ou ser devorada pela mãe, ela deixa de ser ela mesma, caracterizando-se aí sua despersonalização. Esse conceito em Winnicott⁴ marca a interferência que incapacita o sujeito, em seu desenvolvimento emocional primitivo, de sentir a mente habitando o próprio corpo. A falta de inteireza é responsável pelos conflitos entre os desejos contraditórios de fusão e de separação que minam a experiência subjetiva. No máximo o que se obtém é um frágil equilíbrio derivado de um esforço estritamente racional e desarticulado da experiência vivencial do ser. Os elementos masculinos (fazer) e femininos (ser)⁵ não bem integrados promovem a falha no se sentir realmente existindo por si.

³ Winnicott, D. W., O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil in O brincar e a realidade. Imago Ed., 1975. RJ.

⁴ Winnicott, D. W., O desenvolvimento emocional primitivo in Da pediatria à psicanálise. Francisco Alves, 1978. R.J.

⁵ Winnicott, D. W., A criatividade e suas origens in O brincar e a realidade. Imago Ed, 1975. R.J.

Na clínica das mulheres nos vemos com frequência face a face com essa dinâmica, acentuada sobremaneira nas pacientes com compulsões alimentares e no que concerne às adições em geral. É gritante o estado de servidão (dependência) nas que sofregamente recorrem a uma solução complementar- fora delas -para apaziguar a dor mental que não conseguem conter com seus recursos internos. As evidências ao longo do percurso analítico apontam para representações maternas sempre excessivas ou insuficientes, nunca satisfatórias. Ora vividas como rechaçantes do contato corporal, aterrorizadas pelas fantasias de serem devoradas ou esvaziadas por seu bebê, ora sentidas como superprotetoras ou dependentes deles, essas mães parecem não ter facilitado a criação dos objetos transicionais. Joyce McDougall nomeia-os mais como objetos transitórios⁶, funcionando para aliviar tão somente por um tempo a dor psíquica. Por isso mesmo, para ela, eles funcionam como uma solução psicossomática muito mais do que uma saída psicológica. Tamponam simplesmente, em caráter de urgência, a hemorragia narcísica, reconstituindo provisoriamente a imago prestes a se desintegrar. **Revival** do objeto assimilado que não se prestou como suporte identificatório na subjetivação. Diante da angústia impensável de um estar só na ausência do outro⁷, já que o lugar desse outro ficou vazio, a desesperada tentativa de auto-cura. Do ponto de vista psíquico, portanto, não há agressão ou destrutividade, mas sobretudo um movimento paradoxal de auto-preservação – instrumentar os recursos acessíveis para a correção de uma falha fundamental.

Violeta come até a saturação, depois vomita. Única filha mulher de uma mãe extremamente insatisfeita numa relação conjugal que perpetua por inércia, vive com

⁶ McDougall, Joyce. L'économie psychique de l'addiction, in Anorexie, addictions et fragilités narcissiques. Puf, 2001. France

esta uma relação fusionada. Apesar de bonita, inteligente e articulada, padece de uma desvalia exacerbada, o que a faz interromper todas as atividades que elege e desempenha com desembaraço, sem conseguir, contudo, levá-las a termo. Também “come e vomita” os objetos do seu investimento intelectual e profissional porque está impedida de avançar em sua trajetória existencial. O pai, que poderia resgatá-la desse envolvimento mortífero com a mãe frustrada e deprimida, foi incapaz de reconhecer na filha um possível objeto de desejo masculino. “Igual a você há centenas”, dizia-lhe. Como não encontra nele uma aliança que a projete no mundo dos objetos desdobráveis, retorna ao consolo da cumplicidade com a mãe, que pelo menos lhe oferece a proposta velada da gratificação secundária mútua dos benefícios narcísicos. Seduzida por uma relação com um parceiro torturantemente possessivo, figura combinada da mãe simbiótica e de um olhar masculino menos indiferente que o do pai, engravida. A relação não tem lastro para se manter, precipitando-a novamente no ninho parental, tendo agora algo para oferecer à sua mãe – um bebê. Solução paradoxal entre a tentativa de deixar algo (um falo?) para a mãe e poder se separar, e (ou) selar definitivamente esse conluio mortífero, construindo com ela esse insólito acasalamento.

A mulher que ancora na maternidade uma razão de ser, provavelmente por não ter prévia e consistentemente acessado o estatuto da feminilidade - um percurso acidentado e complexo à qual sabemos nem todas tem a sorte de levar a cabo - terá enormes dificuldades de fazer o luto necessário quando a menininha que, até então preencheu os seus ideais narcísicos, necessitar do seu aval para construir-se como mulher, perpassada pela experiência edípica. Essa figura materna teria que ter desenvolvido uma empatia pela dor psíquica da filha se esta

⁷ Winnicott, D.W., A capacidade de estar só in O ambiente e os processos de maturação. Artes

fica refém de um lugar que não pode deixar de ocupar junto dela. No mais das vezes, é mais fácil para as mães reconhecer o sofrimento físico de suas “iguais” em detrimento de uma dor psíquica, que aponta para uma alteridade: o desejo de emancipação da filha não coincide com o seu que é de completude. Por sua vez, a aspiração a um corpo e um gozo próprios, a estar envolta em sua própria pele, passa necessariamente por uma experiência de vazio e de solidão que emana de uma dramática ruptura com a reconfortante proteção, ainda que fictícia, do “dois em um” que a cumplicidade feminina pode gerar. Só depois da elaboração mútua dessa perda é que, e não sem algum rancor remanescente, um companheirismo mais ou menos amistoso poderá ser compartilhado. Caberá sempre mais à mãe, em tese mais estruturada emocionalmente, até pela diferença cronológica, a coragem de promover essa separação. A clínica denuncia os efeitos devastadores dessa não liberação, sob a forma de angústias neuróticas e psicóticas a entravar o prazer sexual e narcísico e a ameaçar o sentido de identidade, de integridade corporal e da própria vida. A fixação em um erotismo arcaico e mortalmente ameaçador é expresso através de fobias como o medo da água, freqüentemente expresso nos sonhos, dos espaços vazios ou fechados, de se dissolver ou de explodir. Também os sintomas de uma disfunção corporal, tais como as alergias, insônia, encoprese, gastrite, bulimia, anorexia, etc. acusam o peso dos fantasmas afetando gravemente o sistema somato-psíquico do sujeito. Cada processo de subjetivação busca soluções particulares, e as seqüelas dos tropeços encontrados inscrevem o sofrimento-cura dos compromissos que tiveram de ser negociados.

Virginia chega à análise numa idade em que, nos dias atuais, no meio social ao qual pertence, as mulheres já de há muito exercem com desenvoltura sua

atividade sexual. Não é o seu caso, e se sente extremamente humilhada em sua condição excepcional. Embora objetivamente seja “liberada” e para nada preconceituosa, está impedida de se identificar com a mãe enquanto mulher. O olhar materno depreciou seus atributos, decepcionada que estava com seus dotes, “saíra ao pai”. Profetizou-lhe, a guiza de bruxa despeitada dos contos de fada, um destino funesto: não atraíria o olhar dos homens e ficaria para sempre só. Por outro lado, o pai ressentido com a mulher que não o valorizava como objeto de desejo, enunciava para a filha o ser feminino como não confiável, “as mulheres não valem nada”. Virginia ficara encurralada no embate odioso entre seu pai e sua mãe. Desafiar um equivalia a cair na desgraça na relação com o outro. Seu corpo tornou-se a arena em que se travava a batalha, excluída de qualquer possibilidade de mediação. Ela mesma reconhecia os sinais de sua hipocondria, o que não tinha qualquer serventia para minorar o seu sofrimento. Os sinistros traços identificatórios não lhe garantiam uma esperança mínima em que pudesse apoiar sua auto-estima tão devastada. Ser como o pai exigia a renúncia à feminilidade, ser como a mãe era a assunção de uma imagem degradada e vil. Só um trabalho elaborativo poderia desenredá-la dessa trama angustiante.

O eu insipiente, em formação, quando não tem um suporte externo no ambiente, corre o risco de ser esmagado por um supereu tirânico e devastador que reduz ou aniquila sua capacidade expansiva. Eventualmente, com alguma sorte, a preservação da existência fica garantida, mas com o comprometimento mais ou menos grave dos atributos subjetivos e da potencialidade criativa que dota a vida de sentido. Nas variáveis mais radicais, o que sobrevive é uma identificação ao nada, o que já é em si alguma coisa. Na carência de uma mediação, a fixação se situa no

absoluto. O que efetivamente vale a pena, completo e esplendoroso, deve estar em algum outro lugar, marcado, todavia, pela falta de representação que lhe é inerente.

Na anorexia, patologia marcadamente feminina, reconhecemos com a maior nitidez esse desejo-identificação com o não ser nada, ser vazio. Aí aonde a falta não se criou e o olhar e a palavra maternas preencheram todos os espaços, a alternativa é a de um ser não encarnado, emancipado das necessidades carnis, etéreo, fora de si. Recurso último de uma separação de corpos, e também de sujeito e objeto. Ao mesmo tempo que se enfatiza um investimento no corpo para tentar se encontrar consigo mesma, se reconhecer, ainda que numa imagem feminina fugaz, sem marcas. Enquanto defesa, opera-se uma luta contra o crescimento, a assunção da sexualidade e da vida com seus riscos e a responsabilidade implicada. Por fim, convivendo com tudo que foi dito anteriormente, pela via da sobredeterminação, depreende-se a premência de colocar a própria vida em risco para ganhar o direito à vida própria. Marinov⁸ aponta numa paciente que a absorção do alimento comportava fantasmaticamente a assimilação do olhar deprimido da mãe. São esses elementos que reforçam a hipótese de uma clivagem entre o corpo e o espírito, de modo que para salvaguardar a autonomia da identidade subjetiva o corpo tenha que ser sacrificado. O desafio que essas pacientes portam em si para nós, analistas, consiste em conseguir criar os elos entre os significantes corporais e os verbais que não puderam ser integrados anteriormente, a partir da relação transferencial instalada.

Uma derradeira reflexão sobre essa delicada relação, e seus efeitos na subjetividade de cada um dos elementos nela envolvidos, merece incluir um olhar sobre a cultura contemporânea e seus desenhos particulares. Por exemplo, o

encurtamento da diferença generacional derivada de todos os avanços tecnológicos e a meteórica revisão de valores éticos e estéticos que pautam o novo estar no mundo. No que concerne às mulheres, especialmente as mães e as filhas, elas parecem estar mais acirradamente disputando o mesmo lugar no espaço. As imagens se confundem quando fica difícil reconhecer a mais jovem e a mais velha, quem é quem no cambalache atual. As mesmas roupas, os mesmos corpos sarados nas academias, a disputa pelos mesmos machos, a escolha de idênticas “soluções” aditivas acirram as rivalidades se todas as fêmeas apelam avidamente para os mesmos objetos. Sem marcas referenciais diferenciadas a guerra recrudesce, não há sinalizadores que orientem a seleção e previna do caos. Se a única ordem é a do pega para capar, sem pai nem mãe que forgem, pelo menos, um simulacro de proteção e continência a operar uma função estruturante, o desamparo se expressa de forma ainda mais contundente. Assim, as mulheres, agora menos submetidas - conquista relevante do século passado - vão ter que buscar dessa feita uma outra diferenciação dentro da comunidade feminina globalizada e homogeneizada. Senão, seu destino é ser Maria...Ninguém. De novo?

Rachel Sztajnberg

e-mail:rachelsztajn@yahoo.com

⁸ Marinov, Vladimir. Le narcissisme dans les troubles de conduites alimentaires, in Anorexie, addictions et fragilités narcissiques. Puf, 2001, France.